CORREIO
NO MUNDO

DANIEL TOROK/ CASA BRANCA



Trump diz que democratas rivalizam com Brasil em fraudes eleitorais

Trump acusa, sem provas, fraude na eleição presidencial brasileira

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou a dizer nesta terça-feira (27), sem apresentar provas ou indícios, que foram fraudadas as eleições brasileiras, em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) derrotou o senador Flávio Bolsonaro (PL). Em comício no Texas realizado dias antes das eleições legislativas nos EUA, Trump dizia que o Partido Democrata se opôs ao seu pacote legislativo que pretendia criar novas exigências para o voto. Em seguida, afirmou que os democratas "trapaceiam tão bem que eu não achei que teriam que fazer isso [se opor ao pacote]".
"Eles são os maiores fraudadores de eleições na história, acho. Se bem que o Brasil tambem fez um ótimo trabalho, não é? Vocês viram isso? Não foi legal. Eu não apoiei ninguém, mas não gostei daquilo, não pareceu nada bem", afirmou Donald Trump.

Apoio americano indireto a Flávio Bolsonaro

Trump não chegou a apoiar Flávio explicitamente, como fez com outros candidatos de direita na América Latina. Entretanto, seu governo buscou favorecer a candidatura ao classificar PCC e CV como terroristas, como propunha Flávio, e ao impor novas tarifas contra o Brasil pelo que chamou de má-fé de Lula. Na segunda (26), Trump já havia dito que a eleição brasileira foi alvo de fraude. "Passou uma impressão muito ruim. A eleição, a maneira como os votos foram contabilizados, sabe? Com a prorrogação do horário de votação, foi muito estranho".

RICARDO STUCKERT/PR



Republicano já havia dito que a vitória de Lula fora fraudada

Trump diz que gosta e que se dá bem com Lula

A declaração foi dada após horas de silêncio do republicano sobre o resultado da votação do domingo (25). Ao ser questionado se pretendia tomar alguma medida em relação às eleições brasileiras, Trump afirmou que é o presidente dos EUA, não do Brasil.
"Gosto de Lula, me dou muito bem com ele, mas a prorrogação concedida foi muito estranha", disse. "Achei que foi uma situação muito ruim. Não tomei partido, mas pareceu mais uma eleição fraudada", disse o Republicano.

Presidente dos EUA questiona eleições

"Foi uma imagem péssima para o mundo. As eleições precisam ser incontestáveis, e aquilo me pareceu muito ruim. Pareceu tão, tão corrupta, tão terrível", concluiu o presidente dos Estados Unidos, que também tem histórico de questionamento às eleições em seu próprio país.

Por Victor Lacombe e Guilherme Botacini (Folhapress)

Milei não reconhece Lula

O porta-voz de Javier Milei, Adrian Ravier, afirmou a jornalistas na manhã desta terça-feira (27) que não haverá nenhum tipo de comunicado do governo argentino em relação à vitória de Luiz Inácio Lula Silva (PT) sobre Flávio Bolsonaro (PL), aliado do ultraliberal. "Tomou-se nota do resultado eleitoral no Brasil", afirmou o funcionário em entrevista coletiva.

Reciprocidade incorreta

A fala aconteceu na Casa Rosada ao responder por que ainda não houve manifestação sobre as eleições de domingo (25).
"Em 2023, quando Javier Milei foi eleito presidente, não houve qualquer gesto do presidente Lula para cumprimentá-lo pessoalmente, nem nada do tipo". No entanto, a declaração está incorreta.

Mensagem de Lula

O petista foi um dos primeiros líderes da América Latina a reconhecer os resultados quando o Milei foi eleito, em 2023, embora não tenha citado o nome do presidente. "A democracia é a voz do povo, e ela deve ser sempre respeitada. Meus parabéns às instituições argentinas pela condução do processo eleitoral", disse Lula na ocasião.

Democracia

Na ocasião, Lula também parabenizou "o povo argentino que participou da jornada eleitoral de forma ordeira e pacífica". E concluiu: "Desejo boa sorte e êxito ao novo governo. A Argentina é um grande país e merece todo o nosso respeito. O Brasil sempre estará à disposição para trabalhar junto com nossos irmãos argentinos".

Relações comerciais

Questionado sobre as implicações comerciais de não reconhecer o resultado, o porta-voz de Milei afirmou que "do lado argentino, a diplomacia continua, as relações comerciais continuam". "Todas as pessoas e empresas, tanto da Argentina quanto do Brasil, que desejem comercializar e estabelecer relações, poderão continuar a fazê-lo com total normalidade".

Diferença ideológica

"Nem hoje, nem na semana que vem. O que posso dizer aqui é que o presidente não é um hipócrita. Digamos que existe uma diferença ideológica real entre os dois mandatários". Junto a Nayib Bukele, de El Salvador, Milei é o único líder da América Latina que não se pronunciou sobre a vitória de Lula.

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

REUTERS/FOLHAPRESS



Participação eleitoral de Israel atinge maior nível registrado desde 1999

Partido de Netanyahu tem mais votos, mas bloco de oposição pode vencer em Israel

Por **Gabriel Barnabé (Folhapress)**

Os israelenses compareceram em massa às urnas nesta terça-feira (27), em participação recorde, e, segundo pesquisas de boca de urna, o partido do atual primeiro-ministro Binyamin Netanyahu deve conquistar o maior número de cadeiras no Parlamento de Israel. Isso não significa, porém, que ele conseguirá se manter no cargo, uma vez que a escolha de um premiê vai depender da negociação entre os partidos.

Segundo o levantamento do Canal 12, o Likud deve conquistar 24 cadeiras, contra 22 do Yashar, principal legenda de oposição, liderada por Gadi Eisenkot. A amostragem realizada pelo Canal 11, por sua vez, aponta 25 cadeiras para o governista, ante 21 para o opositor.

Os levantamentos confirmam o cenário incerto que analistas sugeriam antes do pleito. Mesmo com Likud conquistando o maior número de cadeiras, segundo o Canal 11, o bloco de partidos da oposição pode conseguir um conjunto maior que o do Netanyahu. O levantamento do Canal 12 indica que o possível bloco de Eisenkot teria conquistado 52 cadeiras, ante 50 do grupo de Netanyahu —em paralelo, as listas árabes teriam conseguido 18 cadeiras.

O resultado oficial deve começar a ser divulgado nas próximas horas, e a expectativa é que os números finais sejam obtidos nos próximos dias.

Se o cenário apontado pelas pesquisas se confirmar, pode levar semanas até que o parlamentar indicado pelo presidente Isaac Herzog consiga formar uma coalização para o próximo governo. Ainda é possível, no entanto, que novas eleições sejam convocadas caso nenhum consiga uma coligação suficiente para governar.

Logo após o fechamento das urnas, Eisenkot afirmou que "os resultados iniciais indicam uma completa falta de confiança em Netanyahu e no governo do 7 de Outubro, tanto por parte da maioria sionista quanto da maioria dos cidadãos israelenses".

Ele acrescentou que, se estes forem os números finais, seria uma vitória para o país. "Agirei imediatamente para implementar a decisão do povo, substituir o governo Netanyahu e estabelecer um governo de mobilização sionista o mais rápido possível", afirmou.

O atual líder da oposição no Parlamento, Yair Lapid, por sua vez, falou em uma "derrota esmagadora" para o bloco do premiê. Ele é membro do B'Yachad, que, de acordo com Canal 12, deve ser o segundo maior partido de oposição, com 12 cadeiras.

Já o ministro das Relações Exteriores do país, Gideon Saar, membro do Likud, afirmou que "as comemorações da esquerda são prematuras e as declarações categóricas de comentaristas parciais são ridículas". Em pronunciamento escrito, disse que "uma coisa parece bastante clara: o Likud é o maior partido em Israel".

O presidente da Lista Conjunta, legenda árabe de maior expressão —segundo levantamento do Canal 12, deve angariar 11 cadeiras—, afirmou que os resultados indicam uma possível mudança de governo. "Esperamos mandar Bibi, Smotrich e o governo sanguinário para casa", disse Yosef Jabarin.